

O modelo de integração regional chinês no século XXI

João Rodrigues Chiarelli¹

Vinicius Lerina Fialho²

Carlos Renato Ungaretti³

Alexandre Dias Rodrigues⁴

Alessandro Bruce Lied Padilha⁵

Resumo: O objetivo deste artigo é debater o Modelo Chinês de Integração Regional do Século XXI, que busca reorientar as relações entre a China e seu entorno, entre a semiperiferia e a periferia, os quais possuem suas economias direcionadas a atender aos mercados centrais, Estados Unidos e Europa. Com esse intuito busca-se responder a seguinte pergunta: é possível afirmar um novo Modelo Chinês de Integração Regional no século XXI? Parte-se da hipótese de que este Modelo é baseado nas seguintes características: investimento em infraestrutura, exportação dos capitais chineses e novas instituições de governança. Estruturalmente essa pesquisa será dividida em três seções: (1) apresentar a discussão sobre a Revolução Nacional, que abrangerá debates teóricos de Furtado e a entronização do Centro de Decisão decorrentes da revolução nacional chinesa; (2) identificar a implementação da política do *Going Global* e sua ampliação na (re)construção da Rota da Seda; e (3) analisar o processo de Integração Regional na Ásia no Século XXI.

Palavras-chave: Modelo Chinês; Integração Regional; China; Século XXI.

¹ Doutorando no Programa de Pós Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da UFRGS. Pesquisador do Instituto Sul Americano de Política e Estratégia (ISAPE) e Núcleo de Estudos Estratégicos de Geopolítica e de Integração regional (NEEGI-UNILA). E-mail: joaochiarelli@yahoo.com.br

² Mestrando no Programa de Pós Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da UFRGS. Pesquisador do Núcleo de Estudos sobre os BRICS (NEBRICS-UFRGS) e do Instituto Sul Americano de Política e Estratégia (ISAPE). E-mail: viniciuslerina@gmail.com

³ Pós-graduando do curso de Especialização em Estratégia e Relações Internacionais Contemporâneas pela UFRGS e graduando em História pela UFRGS. E-mail: renato.ungaretti94@gmail.com

⁴ Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFRGS. E-mail: alexandrediasr@gmail.com

⁵ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da UFRGS. Pesquisador do Núcleo de Estudos sobre os BRICS (NEBRICS-UFRGS). E-mail: brucepadilha@gmail.com

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

Artigo recebido em 10/11/2019 e aceito em 13/01/2020.

1. INTRODUÇÃO

A estratégia chinesa do Século XXI tem como base um longo processo de reestruturação interna ao longo do Século XX. Sendo assim, busca-se compreender o conceito Revolução Nacional de Celso Furtado em conjunto com o processo de entronização do Centro de Decisão chinês, resultando na revolução nacional chinesa. Consequentemente, o Modelo de Integração Chinês do Século XXI tem como foco (re)orientar as relações dos estados regionais que possuem suas economias direcionadas a atender aos mercados centrais e, através de investimentos diretos externos (IDE), fomentados pela política *Going Global*, pretende criar uma malha de infraestrutura para reorientar estas economias para atrelarem-se à semiperiferia regional, no caso, à China.

Na primeira seção, debate-se o conceito de Revolução Nacional e o processo de entronização do Centro de Decisão na China. Já na segunda seção, realiza-se uma discussão em torno dos processos de internacionalização econômica e monetária liderados pela China. A esse respeito, apresentam-se na terceira seção, aspectos relacionados ao Modelo Chinês de Integração Regional no século XXI. Por fim, identifica-se, nas considerações finais, a interpretação do Modelo Chinês, bem como as suas perspectivas e desafios.

2. REVOLUÇÃO NACIONAL E CENTRO DE DECISÃO

Abordar-se-á, nesta seção, o Centro de Decisão e qual sua implicação para a Revolução Nacional. Por seu turno, será tratada a importância da assim chamada Revolução Nacional para o desenvolvimento econômico de um país no contexto da periferia e da semiperiferia do Sistema Internacional. O ponto de partida para tal abordagem encontra-se em Celso Furtado. Este autor não traz em sua obra de maneira explícita o conceito de Centro de Decisão, contudo o mesmo pode ser constatado em sua

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

obra “A Pré-Revolução Brasileira” (FURTADO, 1962) quando Furtado discorre sobre os efeitos da industrialização na economia brasileira - processo de industrialização decorrente do acúmulo de capital proveniente das exportações cafeeiras⁶ e concentrado, portanto, no eixo Rio-São Paulo.

Consoante Furtado, o Estado desenvolvimentista buscou a constituição de empresas nacionais, a substituição de importações e uma maior autonomia de um complexo militar-industrial, em um processo que para fins deste estudo é chamado de entronização⁷ do Centro de Decisão Econômico. Assim, a internalização do centro de tomada de decisão das atividades econômicas fomentadas pelo Estado passou a atender aos interesses nacionais, em contraste às fases anteriores do processo econômico brasileiro, que tinha suas prioridades determinadas primeiramente pela metrópole, desde o período colonial. Sem a entronização do Centro de Decisão Econômico, o Brasil se constituía enquanto extensão das estratégias e dos interesses econômicos dos países do centro do capitalismo.

A entronização do Centro de Decisão Econômico possibilitou que elementos da 2ª Revolução Industrial⁸ se integrassem à economia brasileira, até então predominantemente dependente de exploração e exportação de recursos minerais e

⁶ No que concerne a este aspecto, também cabe mencionar a descrição de Furtado no capítulo XXXII, “Deslocamento do Centro Dinâmico”, em sua obra “Formação Econômica do Brasil” (FURTADO, 2003), no qual explicita como a necessidade de bens de capital para a indústria nascente trouxe dificuldades para uma economia dependente como a brasileira, e como este processo coincidiu com a expansão das exportações e conseqüente dificuldade cambial em razão dos fluxos de moeda estrangeira.

⁷ O termo Entronização, no contexto deste artigo, é utilizada em sentido equivalente a Endogenização e Internalização, em consonância com o significado trazido na obra de Furtado.

⁸ A 2ª Revolução Industrial caracterizou-se pelo desenvolvimento das indústrias química, elétrica, petrolífera e siderúrgica.

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

agrícolas. A este processo de desenvolvimento da indústria nascente com uso de mecanismos de proteção e fomento à indústria chamamos de Revolução Nacional.

No período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), criaram-se taxações às importações e reformas tributárias, bem como foram constituídas a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), a Usina de Volta Redonda e a Companhia Vale do Rio Doce em decorrência do pensamento de que o setor industrial seria o catalisador para desenvolver uma indústria de base nacional a partir de uma demanda artificialmente organizada e dirigida pelo Estado. O direcionamento da indústria deu resultado, logrando êxito em anular os efeitos depressivos externos e manter o crescimento, encontrando um modo de com sua indústria de bens de capital produzir parte dos materiais os quais necessitava para a manutenção e expansão da capacidade produtiva (FURTADO, 2003).

O desenvolvimento é tanto uma expressão de valores de uma sociedade quanto um acréscimo do progresso das formas e técnicas de produção, de acordo com Furtado (1962), de sorte que a tarefa que cabe ao Estado desenvolvimentista é conceber e ordenar instituições que criem condições de nacionalizar a capacidade produtiva do país. Assim, trazendo para si o estabelecimento das estratégias de desenvolvimento econômico nacional, utilizando-se para tanto de ferramentas tributárias e organizando o sistema produtivo de maneira orientada, o que levou Vargas à criação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE). A criação de formas de financiamento foi crucial para a efetivação das políticas de desenvolvimento, eis que no contexto do Pós-Guerra os fluxos de créditos de investimento estavam⁹ concentrados para a Europa Ocidental, relegada a América Latina a um segundo plano como destino para essa categoria de capitais, e o fomento de setores industriais a partir dos capitais do BNDE permitiu que o

⁹ O BNDE passou a se chamar Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) em 1982.

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

governo direcionasse recursos para setores considerados estratégicos e cujos empresários tinham dificuldade de obter a partir de fontes externas de financiamento.

Nesse aspecto, ainda:

O desenvolvimento, isto é, a quebra dos laços de dependência com relação ao centro do capitalismo, não depende apenas da aquisição do centro de decisão, mas especialmente da capacidade de instrumentalizá-lo para a formulação de políticas que eliminem as estruturas pré-capitalistas do estado, fomentando uma política de desenvolvimento. Nesse contexto, a superação do subdesenvolvimento é resultado de uma intenção política, que demanda uma visão coesa sobre os objetivos do estado, que implica centralização política, e um projeto de superação do subdesenvolvimento (FURTADO, 1962, p. 112, 2013, p. 151). Assim, a superação do subdesenvolvimento implica dois elementos, a industrialização da economia e a centralização política. Entretanto, como abordado anteriormente, o subdesenvolvimento é mais do que uma relação econômica, configurando-se em uma relação de poder. Nesse contexto, conforme afirma Furtado (2008, p. 42), “a apropriação [do] excedente econômico acarretou historicamente o uso da violência (real ou virtual) levando à constituição de sistemas políticos ou estruturas de poder”. Nesse contexto, a luta para romper os laços de dependência com o centro não depende apenas da industrialização da economia e da centralização política, mas da capacidade de defender o estado com relação à coerção das potências, ou seja, das capacidades militares (MUNHOZ et al. 2019).

Portanto, a partir da obra de Furtado, é possível relacionar a entronização do Centro de Decisão Econômica da China e a consolidação de uma Revolução Nacional que cristalizou este Centro de Decisão internamente. Esse processo, iniciado na China a partir da política de Reforma e Abertura¹⁰ conduzida por Deng Xiaoping, foi fundamental para que a nação asiática pudesse traçar as próprias estratégias de desenvolvimento necessárias para a superação das dificuldades econômicas enfrentadas até meados do século XX. Um Centro de Decisão entronizado, sem a intervenção externa (direta ou

¹⁰ A política de Reforma e Abertura se caracterizou por uma mudança em relação à orientação da inserção internacional da China, que passou a se integrar aos circuitos da globalização econômica e das redefinições das redes de comércio e produção regionais (BIJIAN, 2005). Essa política também se caracterizou pela realização da política de Quatro Modernizações (Agricultura, Indústria, Ciência & Tecnologia e Forças Armadas).

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

indireta) dos centros capitalistas, e que estabelecesse estratégias de desenvolvimento para o atendimento das necessidades do país de maneira autônoma e soberana.

3. ASCENSÃO CHINESA E POLÍTICA *GOING GLOBAL*

Nesta seção, pretende-se apresentar o fenômeno da ascensão chinesa e a política *Going Global*. Parte-se do pressuposto de que a elaboração dessa política, ocorrida a partir do XVI Congresso do Partido Comunista Chinês (1999), foi possibilitada pelo processo, anteriormente descrito, de entronização do Centro de Decisão Econômico. Isto porque a entronização do Centro de Decisão Econômico permite ao país a formulação, de forma autônoma e soberana, das políticas e estratégias de desenvolvimento nacional.

A China desde o final da década de 1970 vinha promovendo um processo de Reforma e Abertura caracterizado pela política de Quatro Modernizações e que levou a uma liberalização seletiva, gradual e regulada de sua economia, associa-se a esse processo, recebendo investimentos e plantas industriais japonesas e ocidentais, exercendo um papel semelhante àquele realizado pelos Tigres, explorando suas vantagens comparativas e competindo em alguns campos com estes (VISENTINI, 2012).

Ao longo dos anos 1990 e início dos anos 2000, a China, conforme observa Arrighi (2008, p.18), desponta como centro de expansão econômica e comercial mais dinâmico da economia mundial. E é nesse contexto em que se tem início a chamada política *Going Global*, que pode ser entendida como a estratégia chinesa para expandir e internacionalizar a sua economia, a fim de acumular poder e riqueza no sistema internacional. Entende-se que a política *Going Global*, que teve sua origem no XVI Congresso do Partido Comunista Chinês, representa uma forma da China se expandir e acumular poder e riqueza, já que incrementa a projeção econômica do país, eleva a sua influência regional e global e permite a obtenção de lucros extraordinários (BRAUDEL, 2005) por meio do estabelecimento de posições monopolísticas na economia mundial.

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

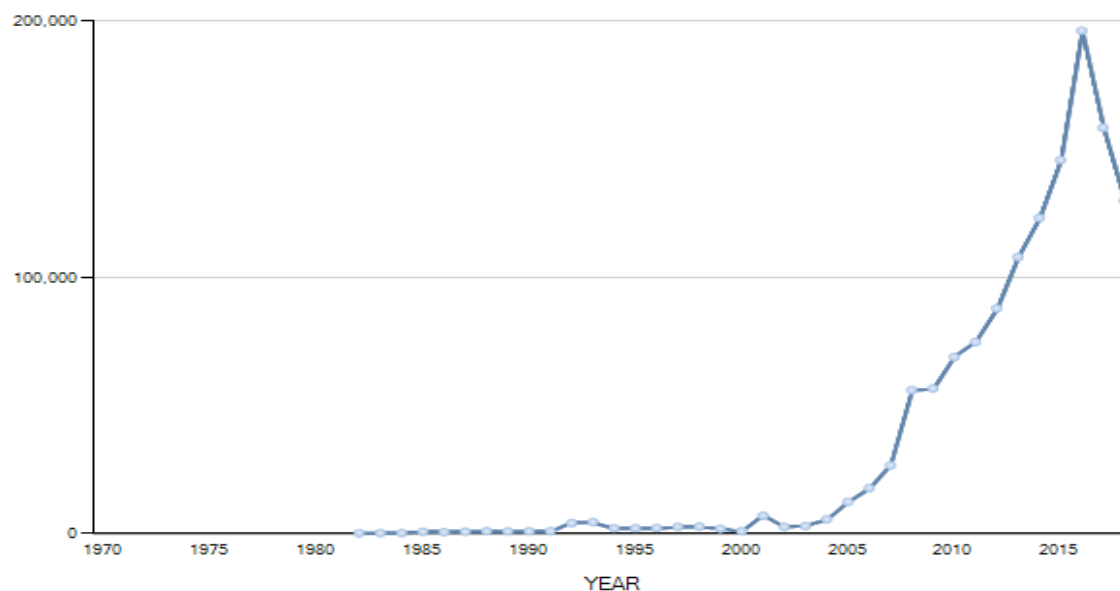
JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

No contexto geral, o programa governamental estabelecido pelo Partido Comunista delineava quatro grandes objetivos: 1) incrementar o investimento direto chinês no exterior por meio da descentralização e relaxamento das autorizações para saída das corporações; 2) elevar o nível e a qualidade dos projetos; 3) reduzir os controles de capital e criar novos canais de financiamento; 4) integrar a política de internacionalização das empresas chinesas com outras estratégias voltadas ao setor externo, buscando promover o reconhecimento das marcas dessas empresas (CINTRA; PINTO, 2017). Dessa forma, percebe-se, a partir do início do século XXI, uma elevação significativa dos investimentos externos chineses (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Fluxos de investimento externo chinês (em milhões de US\$), 1970-2016



Fonte: UNCTAD, 2019.

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

As motivações em torno dessa estratégia de expansão e internacionalização econômica pode ser vislumbrada em quatro eixos explicativos: 1) Garantir acesso às fontes de recursos naturais; 2) Buscar maior competitividade para as empresas chinesas; 3) Obter maior tecnologia para as empresas chinesas por meio da aquisição de empresas estrangeiras, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos; 4) Projetar a influência política da China, especialmente na Ásia e no seu entorno (CINTRA; PINTO, 2017; DENG, 2013).

Nesse sentido, entende-se que a expansão dos investimentos externos diretos (IED) chinês no século XXI, amparada na política *Going Global*, demonstra que os investimentos externos do país não são guiados por uma lógica somente mercadológica, mas sim por uma racionalidade que envolve a ampliação do poder nacional (SANTOS; MILAN, 2014). O Estado acaba por coordenar de forma decisiva esse processo, articulando-o com as suas estratégias de desenvolvimento¹¹ (CINTRA; PINTO, 2017).

Com a crise financeira de 2008, a China depara-se com o agravamento dos desequilíbrios de seu regime de crescimento enquanto um processo de *transição interna* (CINTRA; PINTO, 2017). Essa transição interna, combinada a necessidade de reposicionar a China no plano internacional em um contexto de *transição externa* (CINTRA; PINTO, 2017), culminou na redefinição das estratégias de desenvolvimento do país, que passaram a ser marcadas por uma intensificação da exportação de investimentos, especialmente na Eurásia e sob o guarda-chuva da Iniciativa Cinturão e Rota.

¹¹ Há, ainda, outros autores que sublinham que a China financia e subsidia a internacionalização de suas empresas com a finalidade destas operarem internacionalmente de forma competitiva, especialmente em setores considerados estratégicos, como o energético (RODRIGUES; HENDLER, 2018; CUNHA, 2011; NOGUEIRA; HAFFNER, 2016; BECARD, 2014).

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

Portanto, a internacionalização do capital chinês, cada vez mais centrada em megaprojetos de infraestrutura na Ásia, vem ampliando a integração regional no continente e criando um emaranhado de interesses que crescentemente depende do dinamismo econômico chinês e do estabelecimento de novas instituições multilaterais de crédito (CINTRA; PINTO, 2017), dando razão à ideia de renascimento da Ásia Oriental (ARRIGHI, 2008) e da possível recriação de um sistema sinocêntrico (PAUTASSO; UNGARETTI, 2017) através da execução de um projeto chinês de Integração Política e Econômica em âmbito regional.

4. MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL: ECONÔMICA, MONETÁRIA E OS MEIOS DE PAGAMENTO

A entrada do século XXI significou, em termos econômicos e políticos, o ressurgimento chinês¹² no cenário regional e global. Conforme visto, a política de *Going Global* teve um papel fundamental para a projeção chinesa neste período, tendo também como reflexo, mesmo que indireto, a considerada “derrota” norte-americana na Guerra Contra o Terror, na qual o Arrighi (2008) identifica a *China como a grande vitoriosa*¹³ dos reflexos desse contexto na região, além da Crise de 2008. Ou seja, o IED chinês tem como foco a manutenção do crescimento e desenvolvimento interno, porém, com os novos condicionantes deste século, abre-se espaço para o debate se a China estaria ou não surgindo como novo *hegemon*¹⁴ do sistema internacional contemporâneo (VADELL, 2018; STUENKEL, 2018; ARRIGHI, 2008; PAUTASSO, 2011; 2017; VISENTINI, 2011).

¹² Termo utilizado pelo autor Oliver Stuenkel (2018) no livro *O Mundo Pós-Occidental: potências emergentes e a nova ordem global*.

¹³ Termo utilizado pelo autor italiano no livro *Adam Smith em Pequim*, de 2008.

¹⁴ Termo utilizado pelo autor Charles Kindleberger (1973) no livro *The World in Depression: 1929-1939*.

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

Na perspectiva de Arrighi (2008), a China, junto ao Leste Asiático, estaria assumindo ao longo do século XXI um papel de preponderância cada vez mais presente nas esferas econômicas, políticas e de segurança e defesa (ARRIGHI, 2008). Complementando a essa perspectiva do autor italiano, a projeção chinesa tem como base os seus investimentos diretos externos na região asiática dentro de um sistema internacional multipolar¹⁵. Assim, em contraponto a Arrighi, Fiori, ao acrescentar em sua análise de Economia Política Internacional o poder monetário, identifica que a China estaria se inserindo no SI de forma a complementar, e inclusive, fortalecendo o poderio norte-americano, baseado desde 1970 pela política do Dólar-flexível (FIORI, 2004; 2007; 2008).

Diante disso, o processo de (re)inserção chinesa, segundo Arrighi (2008), seria vinculada a um processo de transição sistêmica do Centro Ocidental para a semiperiferia do SI, o Leste Asiático, liderado pela expansão da China baseada fortemente na expansão de seu capital via investimentos em infraestrutura, culminando com a *Belt and Road Initiative* e respaldada por novas instituições (ARRIGHI, 2008; VADELL, 2018; STUENKEL, 2018; PAUTASSO, 2011, 2017).

Colaborando para a compreensão do expansionismo do capital financeiro e monetário chinês, o autor David Harvey identifica a China não como uma oposição ao sistema global vigente, mas sim como um Estado da semiperiferia que estaria retroalimentando o sistema mundo capitalista. De fato, Pequim seria reflexo do que fizeram as potências como França, Inglaterra e Estados Unidos, se baseado fortemente na expansão de seus capitais ociosos a partir da infraestrutura, com alta demanda em

¹⁵ Termo utilizado pelo Diplomata e autor brasileiro Samuel Pinheiro Guimarães Neto (2006) no livro *Desafios Brasileiros na Era de Gigantes*.

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

cimento, aço, gás e petróleo, proporcionando a manutenção de seu crescimento e desenvolvimento econômico (HARVEY, 2018).

Enquanto isso, Oliver Stuenkel trabalha com uma perspectiva mais voltada para as novas instituições não Ocidentais chinesas, nas quais estariam angariadas em novas estruturas. Ou seja, para este autor, o mundo estaria passando por uma transição baseada em instituições do Centro para instituições periféricas do globo, caracterizando, assim, o Mundo Pós-Occidental (STUENKEL, 2018).

Dentro deste debate sistêmico entre os Estados, as iniciativas chinesas, tanto o *Going Global* quanto a Iniciativa Cinturão e Rota estariam angariadas na (re)inserção autônoma chinesa no SI, tendo como foco os IDE como um dos pontos estratégicos de aproximação junto aos seus vizinhos, como no caso do *China-Pakistan Economic Corridor*¹⁶, assinado em 2015 pelos presidentes Xi Jinping e Nawaz Sharif (DUNNING, 2003; PAUTASSO, 2017; RAHUL, 2018). Assim, os investimentos em infraestrutura estariam angariados em um projeto político e econômico de longo prazo, interligando as cadeias produtivas entre o país investidor e o país receptor (DUNNING, 2003).

Atrelado a isso, Santos e Milan baseiam-se na Teoria Eclética de Dunning, porém apontam que a 'falha' dessa Teoria estaria em não considerar o viés geopolítico como forma de espraiamento do poder dos Estados. Com isso, os IDE chineses estão intrinsecamente vinculados a esta objeção de poder (SANTOS, MILAN, 2014). Em

¹⁶ Compreende-se o termo Corredor Econômico como: O conceito de "Corredor Econômico" foi proposto pela primeira vez pelo mecanismo de cooperação da Sub-região do Grande Mekong (GMS) na Oitava Reunião Ministerial de Cooperação Econômica do GMS realizada em Manila em 1996. Este conceito refere-se a uma instituição conectando produção, comércio e infraestrutura em uma região geológica especial, através da qual ampliando os canais de transporte, melhora nos ganhos econômicos e promoção da cooperação econômica e de desenvolvimento das regiões e países vizinhos. Para construir um "corredor econômico transnacional", é necessário que vários países, em áreas vizinhas e adjacentes, explorem suas próprias vantagens de recursos e capacidades, se complementam e façam a construção de infraestrutura, comércio e investimento, cooperação industrial, comércio turístico e tais tipos de cooperação (YIWEI, 2016, p.148, tradução nossa).

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

complementaridade a esta análise, Benjamin Cohen identifica os novos arranjos institucionais propostos pela China baseados nos IDE. Assim, o poder monetário, entre outros fatores, como instrumentos de sua projeção política e econômica para a região do Leste Asiático, de fato, livre das ‘amarrações’ Ocidentais, estariam direcionando a um processo diferenciado de integração regional no SI multipolar (COHEN, 2012; 2014).

Corroborando para a análise, Cohen (2012) aponta para os interesses geopolíticos da China como definidores de suas escolhas econômicas, assim sugerindo que, conforme a história, os investimentos precedem o papel da moeda como reserva (COHEN, 2012). Assim, os IDE podem servir como um catalisador essencial para a dinâmica de uma determinada região; neste caso, a China para o Leste Asiático. De acordo com essa análise, os IDE incrementaram a eficiência econômica, estando associada a três pontos: o aumento da especialização; a exploração das economias de escala; e maior concentração geográfica de atividades econômicas individuais (DUNNING, 2003).

Dentro da perspectiva de um novo ambiente institucional que está sendo criado pela China (STUENKEL, 2018), podemos identificar, sob o viés dos IDE de Dunning, como este novo ambiente está sendo estruturado a partir da integração regional (DUNNING, 2003). Desta forma,

A ligação entre integração econômica regional e investimento estrangeiro direto é teoricamente multifacetada e ambígua. No entanto, argumentamos neste capítulo que uma estrutura genérica relativamente simples é capaz de resumir as conexões em um contexto de ‘forma reduzida’. Especificamente, duas relações são de relevância primordial: (i) quanto mais forte a mudança do ambiente relacionada à integração regional, maiores os impactos sobre o IDE; (ii) quanto mais fortes forem as vantagens localizacionais de cada país ou indústria, mais provável é que o acordo de integração leve a entradas de IDE tanto do exterior como do resto da região integradora (DUNNING, 2003, p.125-126, tradução nossa).

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

Ou seja, sob os dois aspectos levantados pelo autor, a China teria vantagens, uma pela mudança do ambiente regional a partir das novas instituições criadas, como no caso do AIIB e do Novo Banco dos BRICS, por exemplo. Bem como a vantagem ligada à localização dos países do Leste Asiático, que estão na sua zona de influência. Aqui estamos defendendo a nova ordem do sistema internacional baseada em um mundo multipolar, do qual Pequim estaria liderando o novo modelo chinês de integração regional do século XXI. De fato, para que se possa compreender de forma mais completa e ampla o processo chinês de integração, se faz necessário, mesmo que brevemente, adentrar nos aspectos vinculados às ações chinesas para internacionalizar a sua moeda, sobretudo após a Crise de 2008.

Além disso, as articulações chinesas para a internacionalização do yuan começaram, de fato, no final da década de 1970. Contudo, foi na década de 1990, mais precisamente no ano de 1993, que o premier Zhu Ronghji “prometeu a plena conversibilidade da moeda até o final do século XX – que não conseguiu ser efetivada devido à crise asiática” (HAFFNER; LUNKES, 2018, p. 76). Com isso, convém salientar as dificuldades advindas dessa crise, que representou um momento de reflexão do governo chinês sobre as estruturas do Sistema Monetário Internacional (SMI), precedendo a entrada do século XXI.

Dessa forma, o contexto pós-Crise de 2008 foi representativo para que a China, em franca expansão comercial e econômica, visse a importância da internacionalização de sua moeda nacional, trabalhando, assim, para uma redução da dependência frente ao dólar. Nesse sentido, Pequim passou a adotar diversas políticas para a utilização do yuan em escala internacional. Entre elas, estavam o Programa-piloto de Liquidação do Comércio Transfronteiriço em *renmibi* (RMB), em 2009; a Zona Piloto de Livre Comércio de Xangai, em 2013; o Sistema de pagamento internacional chinês, em 2015; os acordos bilaterais de swaps cambiais de moeda com RMB; e a entrada do RMB na

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

cesta dos Direitos Especiais de Saque (DES) do Fundo Monetário Internacional (FMI) (MARTINS, 2018, p. 237-246).

Nesse sentido, identifica-se o yuan como uma alternativa, mesmo que gradual e carregada de amarrações¹⁷, ao Dólar norte-americano a partir da reemergência internacional chinesa no século XXI (STUENKEL, 2018). Trabalha-se com a perspectiva de que, a partir do rejuvenescimento chinês dos últimos 40 anos e com a crise de 2008, o Sistema Monetário Internacional (SMI) pode ter no yuan uma alternativa ao Dólar norte-americano, principalmente no que tange ao continente asiático. É indiscutível o crescimento da economia e da política chinesa no sistema internacional, que, em 2010, se tornou a segunda maior economia mundial, porém, ainda não estão bem definidos os reais interesses do Reino do Meio na arena global.

Corroborando para esta análise, Kirshner (2014) aponta a projeção do yuan como moeda hegemônica regional a partir de duas motivações políticas: maior autonomia e influência, tendo impulso com a crise do *subprime*. Com isso, é possível compreender cada vez mais a motivação chinesa em contrabalancear o poder do dólar, especialmente no Leste Asiático (KIRSHNER, 2014). Somado a isso, Campanella (2014) e Kirshner (2014) entendem que a China tem adotado uma política monetária defensiva como forma de evitar cada vez mais os riscos da volatilidade econômica internacional protagonizada pela política do Dólar norte-americano, rumo a um sistema de múltiplas moedas (CAMPANELLA, 2014; KIRSHNER, 2014). Filho e Pose (2017) também trabalham

¹⁷ Para esta compreensão identifica-se que: Jiang compreende que os interesses comerciais do estado chinês impedem a internacionalização do RMB, sendo esse autor mais cético quanto à projeção dessa moeda no SMI. Assim, ele argumenta que o fornecimento de RMB através de acordos bilaterais de *swaps* cambiais demonstra o caráter limitado e ainda engessado dos conservadores burocratas chineses, em contrapartida ao dos liberais. Ou seja, a ênfase dada ao bilateralismo frente ao multilateralismo é motivada pelo fato que o primeiro não exige reformas estruturais por parte do estado chinês, atendendo pragmaticamente a necessidades de curto prazo (JIANG, 2014).

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

nesta perspectiva, agregando a esse debate a ideia de utilizar o yuan como um mecanismo de maior estabilização do SMI.

Com os acordos de swaps cambiais em nível bilateral, a internacionalização do yuan tem sido efetiva como forma alternativa as amarrações do Dólar norte-americano (CHIN, 2014; EICHENGREEN, 2011; ANDRADE, CUNHA; 2011). Segundo Park o yuan tem sido formidável em sua expansão a partir da sua zona de influência no Leste Asiático (PARK, 2016). Conforme posto por Haffner, Stallbaum, Milan e Martins, a internacionalização do yuan tem contribuído para uma maior convergência no SMI, promovendo empréstimos, por exemplo, para países em desenvolvimento (HAFFNER; STALBAUM, MILAN, MARTINS; 2017).

Sendo assim, com a Crise de 2008, Helleiner e Kirshner (2014) afirmam que “a crise financeira global de 2008 revelou a exposição macroeconômica da China ao que é cada vez mais percebido nos círculos oficiais chineses como políticas econômicas irresponsáveis dos EUA” (HELLEINER; KIRSHNER, 2014, p. 20, tradução nossa). A opção pragmática fica evidente quando, em dezembro de 2008, o governo chinês assinou os contratos de *swap* cambial junto a vinte e três países, incluindo, entre eles, Japão, Coreia do Sul, Brasil, Turquia e Austrália (CHIN, 2014). Foi criado, em 2009, o Programa-piloto de Liquidação do Comércio Transfronteiriço em RMB, que “permite a liquidação de todo o comércio exterior chinês em moeda nacional, [além da] integração parcial do mercado *offshore* de Hong Kong com o sistema financeiro continental” (FILHO; POSE, 2017, p. 9). No período de 2010-2012, o programa-piloto foi ampliado, passando a autorizar clientes corporativos e institucionais a conduzir, em Hong Kong, transações em *yuan* no exterior (MARTINS, 2018).

Compreendendo, por fim, este novo ambiente econômico, político e monetário do processo de integração regional baseado na China no século XXI, Pequim, após alguns anos de certa ‘pressão’ ao Fundo Monetário Internacional (FMI), conseguiu, além da

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

criação em 2015, do Sistema de Pagamento Internacional Chinês (SPIC), entrar na cesta dos Direitos Especiais de Saque (DES). Assim, o FMI partiu da análise de que o país emissor já se encontrava entre os maiores exportadores do mundo, sendo sua moeda amplamente utilizada para realização de pagamentos via transações internacionais e amplamente negociada nos principais mercados de câmbio (FMI, 2015). Entre 2016-2017 o Fundo concluiu os devidos ajustes para a efetivação do yuan no banco de dados oficial de reservas cambiais (FMI, 2015; 2016).

Dentre as variáveis que impulsionam o Modelo de Integração Chinês é a ascensão do Leste Asiático que implica diretamente na desestruturação do sistema interestatal centrado no Atlântico e nas relações Estados Unidos-Europa (MORI, 2006). Ademais, esta tendência de aumento da competição global entre as grandes potências pode ser considerada uma variável que impulsiona os processos de formação de blocos regionais, especialmente dos processos de integração regionais liderados por potências emergentes.

Portanto, pode se considerar que são grandes os desafios para que as potências emergentes consigam consolidar a liderança nos processos de integração regional, isto é, liderar a construção de um bloco regional. Segundo Arrighi (1996), a liderança de um Estado depende da sua capacidade de mobilizar os meios de pagamento, ou seja, os meios econômicos (principalmente meios financeiros, como empréstimos e financiamento) para construir e manter sua liderança. Por isso a região ou potência hegemônica no nível global tenderia a ser aquela com a maior capacidade e habilidade de uso dos “meios de pagamento” para comprar aliados e subornar inimigos (ARRIGHI, 1996), e que, tomadas as devidas proporções, no nível regional a liderança também poderia ser construída através do uso dos meios de pagamento para financiar a integração regional.

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

Ademais, a potência hegemônica seria aquela que consegue mobilizar seus recursos econômicos para financiar “bens comuns” para seus aliados (KEOHANE, 1984). Neste sentido, no nível regional, é notório que um Estado que pretende liderar um processo de integração regional, tenha que arcar com os custos da integração política, através da construção e sustentação de instituições regionais, da integração econômica (comercial, produtiva e financeira) e, diretamente relacionada a este desafio, a necessidade arcar com os custos e liderar a construção da infraestrutura (transportes, energia e comunicações) da integração regional (TORRES FILHO, 2016).

Os projetos de integração física demandados pela China, dentro de seus diversos projetos que futuramente seriam denominados de Iniciativa Cinturão e Rota (BRI), estimava-se que, de 2010 até 2020, seriam necessários US\$ 8 trilhões. Valor este muito acima do disponível para investimento em infraestrutura designado pelo *Asian Development Bank* (ADB)¹⁸, um banco multilateral de investimentos que possui grande influência de Tóquio. Após diversos embates enquanto uma maior participação dos capitais ou até da parcela de deliberação de investimentos (*shareholders*). O governo da China, então, decidiu criar seu próprio fundo de investimentos e, em 2013, Jin Liquan, Presidente da *China International Capital Corporation Limited*¹⁹ (CICC; 中国国际金融股份有限公司) anuncia a criação do *Asian Infrastructure Investment Bank* (AIIB) com a intenção de coordenar fundos para projetos de investimento regionais (KAWAI, 2015).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹⁸ Haviam outros Bancos Multilaterais de Desenvolvimento (BMD) que cediam crédito para projetos chineses, mas o principal, ainda era o ADB.

¹⁹ Concebida em 1995 o CICC tem como finalidade realizar transações financeiras e comerciais com a finalidade de facilitar as transações e aquisições de parceiros econômicos na China ou de empresários chineses no exterior.

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

O principal ponto deste artigo é compreender o Modelo Chinês de Integração Regional do Século XXI, tendo como base o conceito de Centro de Decisão Econômico e as discussões em torno da política *Going Global*. A partir disso, identifica-se o processo de internacionalização econômica e monetária que ampara o protagonismo chinês nas dinâmicas de integração regional na Ásia. Essa identificação permite estabelecer o entendimento a respeito do Modelo Chinês e de suas características, isto é, a reorientação das relações da China com seu entorno regional, fundamentada no incremento dos investimentos em infraestrutura, exportação dos capitais chineses e criação de novas instituições de governança.

Arelado a isso, observou-se, ao longo do trabalho, a capacidade do Estado chinês, a partir da entronização do Centro de Decisão, de se reinserir no SI. Verificou-se o papel do IED como precedente à capacidade monetária (COHEN, 2012; 2014) e como propulsor para um ambiente propício à Integração Regional (DUNNING, 2003), analisando o papel destes IED chineses como um instrumento de poder monetário e geopolítico (SANTOS; MILAN, 2014).

Por fim, a partir dessa pesquisa procura-se identificar a (re)inserção chinesa no SI tendo como base o seu Modelo de Integração Regional no Século XXI amparada no seu projeto de crescimento e desenvolvimento econômico de longo prazo. Com isso, nota-se que os conceitos utilizados proporcionam novos temas relacionados ao objeto de estudo, tais como: 1) o papel do Estado chinês e a questão da guerra por outros meios; 2) compreender os processo macro (político, econômico, securitário e social) e sua relação com o Modelo Chinês; 3) as relações entre o capital de propriedade pública, privada ou mista e a coordenação destes por parte do Estado e de suas estratégias de projeção regional e internacional.

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIENTI, Wagner Leal; FILOMENO, Felipe Amin. Economia política do moderno sistema mundial: as contribuições de Wallerstein, Braudel e Arrighi. IN: **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p.99-126, jul. 2007.

ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX**. Ed. Contratempo. Rio de Janeiro/RJ. Editora Unesp/SP, 1996.

ARRIGHI, Giovanni; SILVER, Beverly. **Caos e governabilidade no moderno sistema mundial**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

ARRIGHI, Giovanni. **A ilusão do desenvolvimento**. 2. ed. Petropolis: Vozes, 370 p, 1997.

ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim**: Origens e fundamentos do Século XXI. São Paulo: Editora Boitempo, 2008.

ANDRADE. L; CUNHA, A. A diplomacia do yuan†: breves comentários sobre a internacionalização financeira da China (parte II - evidências e conclusões). **Economia & Tecnologia**, v. 24, ano 07, p. 15-26, janeiro/março de 2011. Disponível em: <http://www.economiaetecnologia.ufpr.br/revista/24%20Capa/Luiza%20Cardoso%20de%20Andrade%20-%20Andre%20Moreira%20Cunha.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2018.

BECARD, Danielly Silva Ramos; MACEDO, Bruno Vieira de. Chinese multinational corporations in Brazil: strategies and implications in energy and telecom sectors. IN: **Revista Brasileira de Política Internacional**, [s.l.], v. 57, n. 1, p.143-161, 2014.

BIJIAN, Zheng. **China's "Peaceful Rise" to Great-Power Status**. New York, Foreign Affairs, vol.84, n.5, sep. 2005.

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

BRAUDEL, Ferdinand. **Civilização Material, Economia e Capitalismo** - Século XV-XVIII - Volume 1: As estruturas do cotidiano. São Paulo: Martins Fontes 2005.

CAMPANELLA, M. The Internationalization of the Renmimbi and the Rise of a Multipolar Currency System. **Ecipe Working Paper**, n. 01/2014. Disponível em: http://www.ecipe.org/app/uploads/2014/12/WP201201_1.pdf. Acesso em: 13 nov. 2018.

CHIN, G. China's Rising Monetary Power. In: HELLEINER, Eric; KIRSHNER, Jonathan (orgs.). **The Great Wall of Money: Power and Politics in China's International Monetary Relations**. Ithaca e Londres: Cornell University, 2014, p. 139-159.

COHEN, B.J. The China Question: Can Its Rise Be Accommodated? In: HELLEINER, Eric; KIRSHNER, Jonathan (orgs.). **The Great Wall of Money: Power and Politics in China's International Monetary Relations**. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 2014, p. 23-39.

_____. The Yuan Tomorrow ? Evaluating China's Currency Internationalisation Strategy. **Department New Political Economy**, v. 17, n. 3, Santa Barbara, USA, 2012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13563467.2011.615915>. Acesso em: 02 nov. 2018.

DENG, Ping. **Chinese Outward Direct Investment Research: Theoretical Integration and Recommendations**. Management and Organization Review, 9(3), 2013, p. 513-539

DUNNING, John H. **Regions, Globalization, and the Knowledge-Based Economy**. 2003. Oxford University Press.

EICHENGREEN, Barry. **The Renminbi as an International Currency**. Disponível em: https://eml.berkeley.edu/~eichengr/renminbi_international_1-2011.pdf. Acesso em: 01 dez. 2018.

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

FIORI, José Luis. **O Poder Global e a Nova Geopolítica das Nações**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

_____. O Poder Global dos Estados Unidos: formação, expansão e limites. IN: FIORI, José Luis. **O Poder Americano**. Petrópolis: Ed.Vozes, 2004.

_____. Formação, Expansão e Limites do Poder Global. IN: FIORI, José Luis. **O Poder Americano**. Petrópolis: Ed.Vozes, 2004.

_____. O Sistema Interestatal Capitalista no início do século XXI. IN: FIORI, J.L. **O Mito do Colapso do Poder Americano**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

_____ . O poder global e a nova geopolítica das nações. **Crítica y Emancipación**, Buenos Aires, n. 2, p.157-183, 2009.

_____ . O sistema interestatal capitalista no início do século XXI. In: FIORI, José Luís; MEDEIROS, Carlos; SERRANO, Franklin. **O mito do colapso americano**. Rio de Janeiro: Record, p. 11-70, 2008.

_____. Prefácio ao Poder Global. **Revista Tempo do Mundo**, Brasília, v. 2, n. 1, p.131-153, abr. 2010.

FILHO, E; e POSE, M. A internacionalização da moeda chinesa: disputa hegemônica ou estratégia defensiva? **Revista de Economia Contemporânea**, v. 22, n. 1, p.1-23, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-98482018000100204&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 15 nov. 2018.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL. Chinese Renminbi to be Identified in the IMF's Currency Composition of Foreign Exchange Reserves. **FMI Press Release n.16**, mar. 2016c. Disponível em:

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

<<https://www.imf.org/en/News/Articles/2015/09/14/01/49/pr1690>> Acesso em: 20 nov. 2018.

_____. IMF Survey: Chinese Renminbi to Be Included in IMF's Special Drawing Right Basket. **FMI Press Release n.15**, dez. 2015. Disponível em: <<https://www.imf.org/en/News/Articles/2015/09/28/04/53/sonew120115a>> Acesso em: 20 nov. 2018.

FURTADO, Celso. **A Pré-Revolução Brasileira**. Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1962.

_____. **Formação Econômica do Brasil**. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 2003.

GILPIN, Robert. The Politics of Transnational Economic Relations. **International Organization**, v. 25, [s.n.], p. 398-419, jun. 1971.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **Desafios brasileiros na era de gigantes**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

HAFFNER, J.A; LUNKES, D. A evolução da trajetória monetária chinesa e a incorporação do renminbi aos direitos especiais de saque. In: PINTO, Danielle Jacon Ayres; VEDOVATO, Ana Luiza; LUNKES, Daniela Sallet; SOUZA, Elany Almeida de; BRAVO, Juliano dos Santos. **Política internacional contemporânea: temas e debates**. Macapá: UNIFAP, 2018, p. 65-89.

_____; STALLBAUM, K; MILAN, M; MARTINS, M. A internacionalização da economia chinesa: convergente ou assimétrica? **Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 37, n. 4, p. 1033-1058, mar. 2017. Disponível em: <https://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/3462>. Acesso em: 21 nov. 2018

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

HARVEY, David. **A Loucura da Razão Econômica**: Marx e o capital no século XXI. Tradução: Arthur Renzo. 1 Edição, São Paulo: Boitempo, 2018.

HARVEY, David. **A Brief History of Neoliberalism**. Oxford University Press Inc. New York, 2005.

HELLENEIR, E.; KIRSHNER, J. The Politics of China's International Monetary Relations. In: HELLEINER, Eric; KIRSHNER, Jonathan (orgs.). **The Great Wall of Money**: Power and Politics in China's International Monetary Relations. Ithaca e Londres: Cornell University, 2014, p. 8-22.

KAWAI, Masahiro. Asian Infrastructure Investment Bank in the Evolving International Financial Order. In: **Asian Infrastructure Investment Bank**: China as responsible stakeholder? Sasakawa Peace Foundation. page. 5 - 26. ISBN: 978-0-9966567-0-2, Washington, Estados Unidos, 2015.

KEOHANE, Robert. **After Hegemony: Co-operation and Discord in the World**. Princeton University Press. Nova Jersey, EUA. 1984.

KINDLEBERGER, Charles. **The World in Depression: 1929-1939**. Los Angeles: University of California Press, 1973.

KIRSHNER, J. Regional Hegemony and an Emerging RMB Zone. In: HELLEINER, Eric; KIRSHNER, Jonathan (orgs.). **The Great Wall of Money**: Power and Politics in China's International Monetary Relations. Ithaca e Londres: Cornell University, 2014, p. 160-193.

MARTINS, A. A internacionalização do *renminbi* e a ascensão do poder monetário chinês. In: VADELL, Javier (org.). **A expansão econômica e geopolítica da China no século XXI**: diferentes dimensões de um mesmo processo. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018, p. 205-234.

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

MORI, Sumiko (2006). **Japan Public Diplomacy and Regional Integration in East Asia using Japan Soft Power**. Program of US-Japan Relation, University of Harvard, 2006.

MUNHOZ, Athos; MAGNO, Bruno; e PITT, Rômulo. **A Guerra Prolongada (Chijiuzuhan) na China e a construção de um Modo Asiático de fazer a guerra no Século XX**. Artigo apresentado no 7º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Relações Internacionais. Belo Horizonte, Brasil, 2019.

NOGUEIRA, Alberto Marcos; HAFFNER, Jacqueline A. (2016). O papel do Estado Chinês nos investimentos externos diretos (IDE) na América Latina. In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL PENSAR E REPENSAR A AMÉRICA LATINA**, 2., 2016, São Paulo. **Anais...** . São Paulo: Eca, 2016. p. 1 - 15.

NYE, Joseph (2009). **Cooperação e conflito nas Relações Internacionais**. Ed. Gente, São Paulo.

PARK, H.S. (2016) China's RMB Internationalization Strategy: Its Rationales, State of Play, Prospects and Implications. **M-RCBG Associate Working Paper Series**, n. 63, ago. 2016. Disponível em: https://www.hks.harvard.edu/sites/default/files/centers/mrcbg/files/park_final.pdf. Acesso em: 05 dez. 2018.

PAUTASSO, Diego (2011). China, Rússia e a integração asiática: o sistema sinocêntrico como parte da transição sistêmica. **Conjuntura Austral**, v. 1, p. 1-16, 2011.

_____ ; UNGARETTI, Carlos R. (2017) A Nova Rota da Seda e a recriação do sistema sinocêntrico. **Estudos Internacionais**, Belo Horizonte, ISSN 2317-773X, v.4, n.3, p. 25-44, mar. 2017. Disponível em:

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

<http://200.229.32.55/index.php/estudosinternacionais/article/view/13874>. Acesso em: 10 set. 2017.

RAHUL, Anshuman. (2018) O jogo pela hegemonia regional: a OBOR chinesa e a resposta estratégica indiana. **Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**. v.7, n.13, p. 172-213, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/austral/article/viewFile/82338/49730>. Acesso em: 20 set. 2018.

RODRIGUES, Bernardo Salgado; HENDLER, Bruno (2018). Investimento externo chinês na América Latina e no Sudeste Asiático: uma análise de escopo, valores e setores-alvo. **Estudos Internacionais**, Belo Horizonte, v. 6, n. 3, p.5-25, 2018.

SANTOS, Leandro; MILAN, Marcelo (2014). **Determinantes dos Investimentos Diretos Externos Chineses: Aspectos Econômicos e Geopolíticos**. Contexto Internacional (PUC), Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, p. 457-486, jul/dez 2014.

SIMONOFF, A. (2018) apresentação na Mesa Redonda: **Política Externa e Autonomia na periferia do capitalismo**. II Seminário Internacional de Ciência Política: Estado e Democracia no Século XXI – Onde estamos e para onde vamos? e IV Seminário Eleições no Brasil: 2018: o que saiu das urnas?

STRANGE, Susan. **States and Markets, Continuum**. 2. ed. Londres: Continuum, 1998.

STUENKEL, Oliver. **O mundo pós-ocidental: potências emergentes e a nova ordem global**. Tradução Renato Aguiar. 1.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2018.

TAVARES, Maria da Conceição, “A Retomada da Hegemonia Americana” IN: **Revista de Economia Política**, vol.5, nº2, São Paulo: Brasiliense, abril-junho 1985.

_____, **A crise financeira atual**. Paper apresentado em palestra no Palácio Itamaraty no Rio de Janeiro em 30 de abril de 2009.

O MODELO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL CHINÊS NO SÉCULO XXI

JOÃO RODRIGUES CHIARELLI VINICIUS LERINA FIALHO

CARLOS RENATO UNGARETTI ALEXANDRE DIAS RODRIGUES

ALESSANDRO BRUCE LIED PADILHA

TORRES FILHO, Ernani. A crise do sistema financeiro globalizado contemporâneo. **Revista de Economia Política**, vol. 34, nº 3 (136), pp. 433-450, julho-setembro/2014. São Paulo/SP, Brasil. 2016.

VADELL, Javier. **A expansão econômica e geopolítica da China no século XXI**: diferentes dimensões de um mesmo processo. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018.

VISENTINI, Paulo. A Novíssima China e o sistema internacional. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, v. 19, n. suplementar, p. 131-141, nov. 2011.

VISENTINI, Paulo F. **As relações diplomáticas da Ásia**. Articulações regionais e afirmação mundial. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.